

Admiração, sensibilidade e articulação como pontos de integração para o trabalho de recuperação de aprendizagens¹

Chie Hirose²
Suzana Nobre³

Resumo: O artigo apresenta a forma como as autoras encontraram, durante um ano letivo (2017), meios de articular seus trabalhos em favor da recuperação das aprendizagens dos estudantes com dificuldade.

Palavras Chave: Recuperação de aprendizagens. Educação municipal de São Paulo.

Abstract: The article shows the authors experience and recovering measures in dealing with learning losses of their students through the school year of 2017, in their public school of São Paulo.

Keywords: recovering learning losses. São Paulo public schools.

Muitos profissionais da educação – professores, coordenadores e diretores – costumam tranquilizar pais de alunos com dificuldades de aprendizagem, dizendo-lhes que um bom reforço escolar – oferecido pela própria escola ou por particulares que eles contratem – pode “resolver os problemas”. A tendência que vemos nas representações que as famílias têm do “reforço escolar” que desejam é muitas vezes estante, sem muita conexão com a sala de aula que a criança frequenta, já que muitas vezes, a criança “estar atrasada” os faz também imaginarem o fracasso do próprio professor da classe. Imaginam também que o reforço deva se limitar somente ao conteúdo que o estudante não consegue entender. Esse modo de ver dos pais é corroborado por uma visão (de alguns profissionais da educação – de escolas particulares ou públicas) que, de algum modo, comungam com ela.

Neste artigo, apresentaremos uma experiência que visa ampliar os horizontes sobre o significado e alcance do “reforço escolar” (até mesmo questionando o rótulo “reforço”) e da “recuperação paralela” (questionando o “paralela”). Um dos pontos importantes que queremos frisar é o da necessidade da compreensão dos pais sobre o que é o projeto de recuperação contínua de aprendizagem que a escola quer oferecer e, por outro lado, a escola também deve procurar saber o que os pais querem para seus filhos nesse processo. Qualquer projeto de recuperação de aprendizagens principia no diálogo entre a escola e a família e também na valorização do diálogo entre os professores e funcionários envolvidos. Com a dinâmica conjunta aluno-escola-família é que poderemos construir os momentos importantes de aquisição de saberes desses

¹. O artigo reproduz, com algumas modificações, os relatos publicados no caderno da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo / Coped (2019): “Orientações Didáticas do Currículo da Cidade. Projeto de Apoio Pedagógico - Recuperação de Aprendizagens”.

². Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós Doutorado nessa mesma Faculdade. Professora alfabetizadora da Prefeitura de São Paulo, na EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

³. Professora de Recuperação de Aprendizagem do Projeto de Apoio Pedagógico (PAP) da EMEFM Vereador Antônio Sampaio. Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP. Graduada em Pedagogia pela Feusp. Bacharel em Física pela PUC-SP.

estudantes, agora ocupando todos os espaços da escola que o Projeto requer (para além de um “cercadinho de reforço”).



A seguir, apresentamos um diálogo entre duas professoras – Chie, polivalente; Suzana, responsável por recuperação de aprendizagens – que conseguiram fazer um trabalho de interação constante, como a dinâmica do relato que oferecemos agora.



Relato da Profa. Chie Hirose

Vou relatar uma experiência realmente tocante em minha carreira com uma professora de recuperação de aprendizagens. No início de 2016, a Profa. Suzana fez um pedido inusitado: desejava ministrar cinco aulas sequenciais de Matemática para toda a turma do 5º.B do Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, observar as cinco crianças que estavam selecionadas para a Recuperação de Aprendizagens sob sua responsabilidade. Era uma experiência de parceria na minha sala de aula: a partir da regência, a professora pretendia observar de perto o comportamento das crianças com

dificuldades de aprendizagem, interagindo com os colegas, com a professora, e na relação que elas estabeleciam com os saberes. O interessante era que eu, professora da classe, poderia ficar junto com os estudantes e a Profa. Suzana: observando ou colaborando com a dinâmica do grupo. Pode-se dizer que o formato era como na docência compartilhada que realizamos em nossa rede municipal.

Naquela ocasião, combinamos que o planejamento e a liderança na execução da sequência didática estaria totalmente sob a responsabilidade da professora de recuperação de aprendizagens, que escolheu a Geometria como tema. As aulas preparadas pela Profa. Suzana eram recheadas de experiências concretas. Por exemplo: criar novos objetos geométricos de acordo com o problema proposto. Além das investigações tridimensionais, estudo da história da Matemática, corta & cola, sistematização de novos conhecimentos, trabalho em grupo, desafio individual e, até mesmo, charadas! Houve até exposição de formas geométricas espaciais criadas pelas crianças como obras de arte (inclusive com legendas!) A Geometria era pulsante. A Matemática realmente estava sendo o instrumento para a leitura do mundo. Foi uma experiência incrível para todos os presentes!



Duas situações foram, para mim, marcantes como docente da classe:

1) A importância da colaboração mútua para compreendermos os nossos estudantes que frequentam a Recuperação de Aprendizagens. Depois da segunda aula, a Suzana me deu um feedback muito rico. Dentre várias trocas de observações sobre os estudantes, uma foi comovente. Suzana, maravilhada, contou que viu em uma estudante uma capacidade lógico-racional fora do “pensamento padrão”. Enquanto todos erraram na resposta de um desafio lançado pela professora, essa aluna destacou-se por seu pensamento divergente e criativo... Eu me espantei pela qualidade do “olhar” da professora que em pouquíssimos encontros descobriu um talento escondido. Fiquei impressionada com essa devolutiva, pois dessa vez, não precisei defendê-la de reclamações... uma aluna que se esforçava para corrigir problemas fonológicos e que nunca – nos comentários da maioria dos seus professores especialistas – se destacou por sua performance nos estudos (e, por isso mesmo, indicada para RP). Meu coração pulsou forte: alguém reconheceu a criança que tanto me fazia crer na sua potencialidade! Não estou mais sozinha. Fiquei sorrindo, feliz! “Ela não é demais, Suzana? Nossa, ela vai amar ter aulas com você!”. Percebo o quanto, nós, professores da classe, necessitamos do comentário positivo de uma

colega, sobre os estudantes de Recuperação de Aprendizagens, que tanto queremos ajudar. A opinião correspondida sobre a menina foi suficiente para me animar na continuidade do projeto pedagógico no qual me empenhava, há quatro anos, com essa aluna. Um ano depois, quem imaginaria que o respaldo da opinião pedagógica da Profa. Suzana em relação à essa estudante fosse fator decisivo para que o Conselho de Classe aceitasse a não reprovação da aluna no 6º ano?

2) Segunda situação, esta quase inacreditável. Todos sabem que nenhuma criança aceitaria espontaneamente ficar no contra turno para recuperação de aprendizagens, sem o convencimento dos professores por meio de projetos claros sobre como avançar na aprendizagem e também com a motivação da família. Para minha surpresa, escutei as conversas entre as crianças que arrumavam os objetos geométricos para levá-los na sala da RP: “Deixa comigo, que eu sei onde que é a sala dela”. “Nossa, vocês vão ter aula com a Profa. Suzana, de novo?” “Sim, depois do almoço, mas agora é só pra gente!” “Que pena, só vocês? Eu queria, também.” “Não, não, claro que você não pode, né. Tem que ser alunos dela, da Recuperação!!”. “Poxa!! Vocês têm uma sorte!!” Parece incrível: os estudantes de Recuperação estavam sendo invejados pelos que não eram da RP! Aqui percebemos a importância de todas as crianças reconhecerem a professora da RP da escola como alguém próxima delas, querida, e que tem um projeto relevante que oportuniza de maneiras criativas adquirir novos saberes, que elas não conseguiram na classe regular – sem culpá-las da sua dificuldade. Um detalhe: mais tarde, os estudantes descobrem que um dos colegas conseguiu, além das aulas de RP de Língua Portuguesa, que a Suzana já começasse a orientá-lo para Metodologia de como ensinar outras crianças. Pois o grande sonho dele era ser professor de Matemática. Por que não aprender já a arte de ensinar com a melhor professora?

Comentários da Profa. Suzana

Considero importante ressaltar que essa experiência de compartilhamento foi possível porque havia um ambiente propício para que ela acontecesse, criado ao longo do efetivo trabalho diário da Profa. Chie, persistente, interessada na formação integral de seus alunos, o que tornou-os receptivos à proposta que exigiu participação, concentração, criatividade e colaboração. De fato, considero o trabalho de recuperação de aprendizagens como uma docência compartilhada, mas não no sentido restrito de suprir o conteúdo da grade curricular e sim na reafirmação das potencialidades do estudante.

Relato da Profa. Suzana Nobre

Atuando como professora de Recuperação de Aprendizagens, fico cada vez mais convencida da existência de estreita relação entre o baixo desempenho do aluno e suas emoções e crenças. Por isso, tenho procurado ampliar o olhar aos estudantes para além de suas dificuldades cognitivas, se é que existem. Tivemos uma experiência de articulação, eu e a Profa. Chie, que envolveu pais e responsáveis, direção,

coordenação, agentes escolares e professores. Essa experiência veio confirmar que o trabalho de Recuperação de aprendizagens se mostra mais complexo do que simplesmente diagnosticar defasagens de aprendizagem e revisar conteúdos. Nós apoiamos a iniciativa de crianças, ex-alunos e ex-alunas da Chie, algumas indicadas para recuperação de aprendizagens, que queriam ser auxiliares da professora na sua atual classe de primeiro ano: elas queriam ajudar as crianças pequenas na alfabetização, após saírem da aula de recuperação no contra turno. Para que isso acontecesse, foi preciso contar com o apoio de vários agentes da comunidade escolar: os pais e responsáveis, que precisaram autorizar a permanência dos filhos no contra turno; os Auxiliares Técnicas de Educação (inspetores, secretárias etc.), que precisaram conciliar seu horário de almoço para acolher essas crianças que aguardavam o início das aulas do 1º ano; a direção, que autorizou a permanência dos alunos nas dependências da escola fora do seu horário regular; enfim, os diferentes profissionais da escola, nessa tarefa de apoiar os estudantes, conhecer suas necessidades e seus anseios, de maneira a mudar uma autoimagem de fracasso ao fazê-los sentirem-se protagonistas nessa ação primordial da escola: o ato de ensinar.



O que conseguimos observar foi que, nas aulas de recuperação, esses alunos estavam mais motivados, mais interessados e mais organizados.



Essa iniciativa maravilhosa ressaltou o que considero mais importante para o sucesso da recuperação de aprendizagens: estimular o sentimento de pertencimento do estudante à escola, intimamente ligado à crença que o aluno tem a respeito da escola e da importância do estudo para sua vida.



Comentários da profa. Chie

Nas experiências relatadas, as coisas não acontecem simplesmente “porque sim”: existe uma parte que é trazida pelo cotidiano escolar e outra parte que acontece porque os estudantes e os responsáveis pela vida escolar deles fazem acontecer. Como em todos os passos desse processo, também aqui, cada lance reforça o interlocutor e o convoca a uma nova ação que, por sua vez realimenta a dinâmica de interação.

Acreditamos que a recuperação da aprendizagens está envolvida com esse processo integrado de articulação do trabalho escolar. Em nosso relato, percebemos até que ponto a vida dos participantes está comprometida com temas (que não são meros “temas”...) como paz e violência, pertencimento a unidade escolar, colaboração mútua. Assim, é possível e mais fácil estabelecer autênticas parcerias e vínculos.

Recebido para publicação em 07-01-20; aceito em 08-06-20